

XX A pirraça urbana de Taliboy

Eduardo Rocha Lima¹

Um corpo artista e dissidente na cidade. Um corpo artista trans-masculine na cidade. Um corpo trans e provocador de incômodos, a partir da sua arte urbana, nas estruturas normativas que regem a sociedade e a vida urbana heterocentrada. Um corpo urbano inquieto e insubmisso: pirracento. A “pirraça urbana” (Taliboy, 2021) enquanto tática política de uma prática artística inconforme com os ditames da sociabilidade urbana excludente e violenta. Este é Taliboy e seu corpo “ativista” e afrontoso na cidade.

Baiano de Vitória da Conquista, Taliboy, assim como inúmeros sujeitos sexo-gênero dissidentes, deixa sua cidade natal e sua família progenitora, aos 19 anos, para morar na cidade grande – no caso, a capital baiana – e assumir, no corpo, a vida que deseja para si. A chegada em Salvador, o ingresso na vida universitária², o contato com novas amizades, estas alunas da escola de Belas-Artes da UFBA, e com os movimentos feministas, o faz entender que, pelo viés da expressão artística, muito de suas inquietações poderiam ser comunicadas: a rua se torna o lugar e o grafite a forma de expressão principal para que o seu feminismo “ativista” possa aparecer em público.

Taliboy passa, então, a praticar o fazer artístico nas ruas soteropolitanas, intervindo nos espaços, nos muros e mobiliários urbanos com uma arte que expressa poeticamente as vivências e violências sofridas pelo seu corpo, naquele momento ainda assumidamente feminino, no entanto sem performar feminilidade. A partir de 2010, suas “pinturas-guerrilhas” começam a ocupar os muros da Cidade da Bahia e abrir caminhos para o aparecimento do “Luto”, uma personagem feminina, sempre com a cabeça coberta por uma máscara preta, que remete à burca muçulmana (numa clara alusão a toda violência de gênero oriunda do universo religioso), e com o corpo que infringe – a partir das vestimentas e da nudez, dos gestos e das posturas corporais, assim como do punho cerrado e erguido – as normas sociais que delimitam o bom e aceitável comportamento feminino em sociedade. Durante vários anos, o Luto afrontou a população baiana nos mais diversos e inusitados espaços públicos da cidade e sua inspiração inicial surge da participação do Taliboy em uma Marcha das Vadias ocorrida em Salvador, quando ele desnuda suas tetas no espaço público e sente, na prática, a audácia transformadora de um ato subversivo do corpo na cidade.

Asua prática ativista nos espaços urbanos e o aprofundamento nos estudos acadêmicos das artes visuais fazem com que Taliboy ultrapasse os limites territoriais da Bahia e chegue ao Rio de Janeiro, onde passa a cursar doutorado em artes na UERJ. O corajoso movimento de assumir no corpo uma identidade de gênero inconforme com a sua combinação cromossômica (XX) e os novos conflitos sociais vivenciados por este sujeito corporificado em transição de gênero passam a inspirar o fazer ativista urbano

¹ Arquiteto Urbanista, doutor em Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFBA e do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Prof. Milton Santos (IHAC – UFBA).

² Taliboy é graduado em Comunicação Social pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), mestre em Processos Criativos pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais desta mesma instituição e, atualmente, é doutorando no Programa de Arte e Cultura Contemporânea da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGArtes-UERJ), estando, neste momento, em estágio-sanduiche no Centro de Investigación de Estudios de Género (CIEG) da Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM).

e o fazer teórico conceitual do artista-acadêmico, agora vivenciador dos conflitos e do cotidiano da cidade do Rio de Janeiro.

São os trabalhos e a presença de Taliboy no espaço público da capital fluminense que ocupam e engrandecem a capa e as páginas que abrem as sessões desta edição da Revista Pixo. Para muito além do grafite, as artes visuais de Taliboy ganharam novos fazeres, materialidades e performances. De uma pirraça urbana soteropolitana situada quase que integralmente na materialidade construída da cidade, vemos agora, também, um corpo subversivo vestindo e tatuando na pele o seu afronte. Um corpo que carrega em si, enquanto criação artística, o anúncio da sua insubmissão e, assim, se coloca em risco na cidade, pelo prazer e a determinação de questionar as normas sociais excludentes e tão presentes nos espaços urbanos. Com a sua prática, Taliboy fabula outros mundos e constrói, no ato do seu corpo presente e nos rastros das suas intervenções materiais no espaço público, a TRANScidade.

Agradecemos imensamente ao Taliboy por ter aceitado o nosso convite e por ter nos enviado um conjunto de imagens que aqui dividimos em séries tituladas pelos nomes dos seus trabalhos. Montamos a capa e cada página que abre as sessões desta edição com um trabalho específico, apresentando, a seguir, as séries de imagens utilizadas em cada montagem.

Referências

ROCHA LIMA, Eduardo. CAMBOIM, Iale. Entrevista com Alan Costa, Taliboy e Xan Marçal. In: *Periódicus – Revista de estudos indisciplinados em gêneros e sexualidades*. Salvador, n. 18, v. 1, out – dez 2022.

TALIBOY. *Luto enquanto prática e tática visual de pirraça urbana da multidão sapatransbode*. Dissertação (Mestrado – Artes Visuais). Universidade Federal da Bahia. Escola de Belas Artes, 2021.

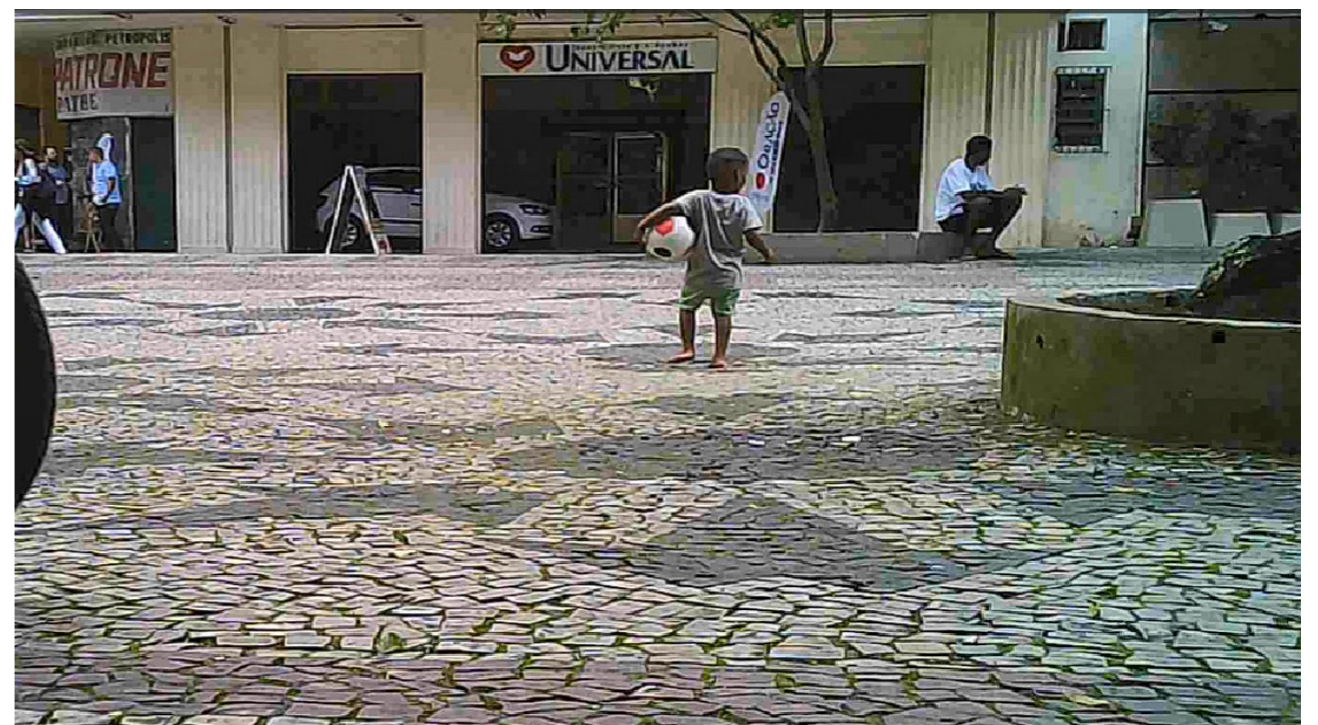


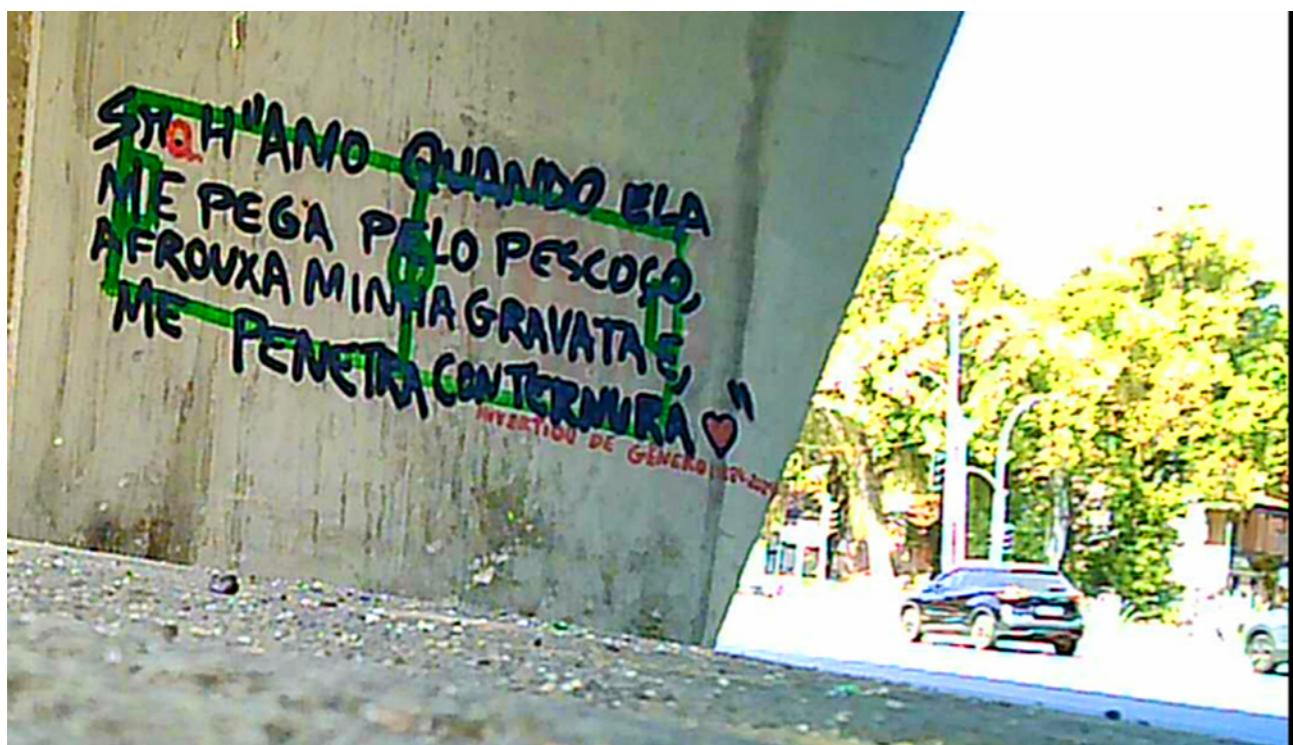
CAPA _ Afetividades às/das Masculinidades Embucetadas











PROCESSOS e PROJETOS _ Dados Públicos